ISSN: 2358-8829

DE MABANGA A RECREIO: ELEMENTOS DA PRESENÇA AFRO-BRASILEIRA EM CAICÓ (RN) A PARTIR DA HISTÓRIA DE UM AÇUDE (SÉCULOS XIX-XX)

Helder Alexandre Medeiros de Macedo [1]

RESUMO

Investiga a família de Inácio Agostinho do Rosário e Emerenciana Tereza de Jesus, que casaram em 1832, na Matriz do Seridó, tendo residido no sítio Mabanga, no qual foi construído um açude homônimo, cuja denominação, posteriormente, tal como a propriedade, foi mudada para "Recreio". A pesquisa parte da compreensão de que as sociedades sertanejas, no Seridó, foram atravessadas por dinâmicas de mestiçagens - como as compreende Eduardo França Paiva - que propiciaram a construção de um léxico para nomear as pessoas provenientes dos processos de misturas entre diferentes grupos, bem como, para hierarquizar os diferentes estratos sociais. Bem como, parte do pouco conhecimento existente sobre a agência de famílias não-brancas na história da cidade de Caicó-RN, onde se localiza o açude. Metodologicamente, adota o Método Indiciário e o Método Onomástico, a partir das reflexões de Carlo Ginzburg e Carlo Poni, aplicados à análise de fontes paroquiais da Freguesia do Seridó (batizado, casamento e óbito), cruzadas com fontes judiciais (inventários post-mortem da Comarca de Caicó). Às margens do referido açude, o casal Inácio Agostinho e Emerenciana Tereza constituiu família, deixando descendentes e constituindo-se, conforme a tradição oral recolhida por Francisco de Assis Medeiros, o povo dos Merêncio. Inácio Agostinho, natural do Seridó, era filho de pai "escravo" e mãe forra; Emerenciana Tereza, por sua vez, era natural do Brejo de Areia. Seus descendentes, em grande maioria, foram qualificados com a letra "P" ao lado dos assentos paroquiais, indicativo de que, fruto da genealogia mestiça iniciada com o casal, sua prole, até, pelo menos, o século XIX, continuava sendo percebida, pelo olhar dos vigários católicos, como não-branca. O estudo dessa família revela importantes contornos da história afro-brasileira da cidade de Caicó, no sertão do Rio Grande do Norte, invisibilizados por muito tempo na historiografia local e regional.

PALAVRAS-CHAVE
Mabanga, Recreio, Caicó, História, Seridó.

INTRODUÇÃO

Na história dos sertões que se localizam no semiárido do atual Nordeste, os açudes desempenharam, historicamente, importante papel. O represamento da água de riachos e rios originou reservatórios artificiais que contribuíram diretamente, dentre outras funções, para atenuar os efeitos das estiagens, propiciando o abastecimento d'água para pessoas e animais; o uso de áreas úmidas dos açudes para a produção de vazantes; a possibilidade de pesca; e o divertimento de sertanejos e sertanejas ao banharem-se nas águas, sobretudo em momentos de calor. Na região do Seridó norte-rio-grandense, conforme o estudo de Oswaldo Lamartine (1980

[1] Professor do Departamento de História (DHC), do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, helder.macedo@ufrn.br.

ISSN: 2358-8829

[1978]), a prática da açudagem está ligada ao processo de ocupação e transformação dos espaços sertanejos, desde, pelo menos, o século XIX, por meio do barramento dos cursos d'água, que originaram os açudes.

A açudagem mudou a vida de homens e mulheres dos Sertões do Seridó, a ponto de alguns desses reservatórios terem importância vital para as espacialidades onde foram construídos, chamando a atenção, assim, dos estudos acadêmicos. Refiro-me, aqui, a pesquisas que foram feitas sobre os açudes Itans, no município de Caicó (Andrade, 2005); Mundo Novo, também em Caicó (Araújo, 2008); Gargalheiras, em território de Acari (Silva, 2012); Sabugi (ou Santo Antonio), no município de São João do Sabugi (Mariz, 2021); e Recreio, encravado no território urbano de Caicó (Morais; Salvador; Santos, 2013).[2]

O açude Recreio atualmente se localiza na zona norte da cidade de Caicó, entre os bairros Vila do Príncipe e Recreio. Originalmente, sua capacidade aproximada era de 1.500.000 m³ de água; contudo, a configuração atual não permite essa retenção, pois, em função da expansão urbana da cidade, a vegetação em suas margens foi desmatada, contribuindo diretamente para a erosão pluvial e o assoreamento (Morais; Salvador; Santos, 2013, p. 130). O município de Caicó, por proposta da Câmara Municipal, declarou o açude como patrimônio histórico e cultural por meio da Lei nº 3.923, de 12 de dezembro de 2001 (Caicó, 2001). Contudo, as gestões municipais, até os dias de hoje, não têm dado a devida atenção aos problemas de ordem ambiental que rodeiam o açude e seu entorno (Morais; Salvador; Santos, 2013; Araújo, 2013; Medeiros, 2015).

O surgimento desse açude foi mencionado por um expressivo conjunto de estudos que se debruçaram sobre a formação sócio-histórica e econômica do Rio Grande do Norte (Faria, 1961; Medeiros, 1971; Lamartine, 1980 [1978]; Medeiros Filho, 1983; Guerra, 1989; Souza, 1989 [1941]; Santos, 1994; Medeiros, 2015). Esses autores mencionam a antiguidade da construção desse reservatório, originalmente chamado de Mabanga ou da "Velha Merência", que remonta a cerca de 1842, chegando a considerá-lo o mais antigo açude particular de Caicó (Faria, 1961, p. 28) ou até mesmo da região do Seridó (Medeiros Filho, 1983, p. 16). Apenas dois, dentre os intelectuais que citei, acrescentaram elementos a mais nesse processo: Eloy de Souza e Francisco de Assis Medeiros afirmaram que os Merêncio, povo que construiu o açude, eram uma "família de pretos muito conhecida na região (Souza, 1989 [1941], p. 53), "negros proprietários do sítio Mangaba (*sic*)" (Medeiros, 1971, p. 7).

[2] Posso incluir, em se tratando de barragens, dentre outras, a Boqueirão, de Parelhas (Silva, 2025).

ISSN: 2358-8829

Partindo do que foi enunciado, proponho, neste artigo, uma reflexão sobre as origens mais recuadas do açude Mabanga e sua relação com a família Merêncio. Mais especificamente, interessa-me investigar a família de Inácio Agostinho do Rosário e Emerenciana Tereza de Jesus, que casaram em 1832, na Matriz do Seridó, tendo residido no sítio Mabanga, no qual foi construído um açude homônimo, cuja denominação, posteriormente, tal como a propriedade, foi mudada para "Recreio".

O ponto de vista aqui apresentado se ancora num panorama mais geral de pesquisas recentes que têm demonstrado a importância de pessoas não brancas na formação sócio-histórica de sociedades sertanejas no Seridó (Macedo, 2020; Medeiros, 2022; Santos, 2022; Araújo, 2023; 2026). As fontes de época analisadas, de origem judicial e religiosa, foram tomadas como importantes indícios do viver nos sertões no século XIX, como enunciam os ensinamentos do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989a; 1989b). É importante destacar, também, que uma das motivações para a elaboração dessa investigação liga-se à minha prática docente, já que, periodicamente, levo minhas turmas da licenciatura para o açude com o intuito de problematizar o uso do patrimônio cultural nas aulas da disciplina de História. Foi numa dessas aulas de campo, na qual se discutia o povo dos Merêncio e sua invisibilidade na história, que uma das estudantes afirmou ser descendente da família, indicando o livro de Francisco de Assis Medeiros (2015) como importante fonte de informação.

OS MERÊNCIO E O AÇUDE MABANGA

O primeiro ponto a ser levado em consideração refere-se à época da construção do açude Mabanga. Ele teria sido construído na primeira metade do século XIX e, com o inverno de 1842, enchido e transbordado (Faria, 1961; Lamartine, 1980 [1978]). Tal fato levou o chefe da família que habitava naquele território, o senhor Manuel Merêncio, a ir na sede da Vila do Príncipe e convidar um frade, que estava de passagem, para abençoar o lugar. O frade, no entanto, censurou a atitude de Manuel Merêncio, “afirmando que a água for mandada por Deus para que corresse livremente para o mar, não devendo o homem interceptar a sua marcha, porque constituía atentado à vontade divina!” (Medeiros, 2015, p. 112). Voltando à casa de morada, no sítio Mabanga, o Merêncio teria se suicidado, marcando, de forma trágica, a história da construção do açude.

Não encontrei, no Livro de Óbitos da Freguesia do Seridó, relativo aos anos de 1838 a 1857, o óbito de Manuel Merêncio – pelo menos com esse nome. Pode ser que a morte não tenha sido registrada. Ou que a tradição oral recolhida por Eloy de Souza e Francisco Medeiros,

ISSN: 2358-8829

transposta para seus livros, tenha, de alguma forma, modificado o nome do personagem. Por outro lado, Olavo de Medeiros Filho (1983) e Otto Guerra (1989) atribuem à pessoa de Inácio Agostinho do Rosário a construção do açude Mabanga, pista que me levou a consultar os livros paroquiais da Freguesia do Seridó. Lá encontrei o registro do casamento de Inácio do Rosário com Emerenciana Tereza de Jesus, realizado na Matriz do Seridó – hoje, Catedral de Sant'Ana de Caicó – em 1832,[3] a partir do qual é possível fazer a conexão com a oralidade evocada por Eloy de Souza e Francisco Medeiros. Assim, tomando como verdade o fato de a palavra *Merência* ser uma forma simplificada de *Emerenciana,* a "Velha Merência", já tratada neste texto, seria a matriarca da família que foi responsável pelo barramento das águas que antes desaguavam no rio Seridó.

Efetuei buscas na documentação judicial da Comarca de Caicó, custodiada pelo Laboratório de Documentação Histórica (Labordoc), ocasião em que me deparei com o inventário *post-mortem* de Inácio Agostinho do Rosário, processado em 1859, no qual figurou, como inventariante, Emerenciana Tereza de Jesus.[4] Esta declarou que, dentre os bens deixados pelo seu esposo (ouro, prata, cobre, ferro, móveis, cavalos, "escravos", raiz), constava uma parte de terras no sítio Mabanga, a norte do rio Seridó, com meia légua de fundo, avaliada em 300$000; um açude no mesmo sítio, em aberto e sem plantagem alguma, avaliado em 200$000; uma casa muito velha, no mesmo espaço, avaliada em 10$000 e outra casa, muito velha, nos subúrbios da Vila do Príncipe, que valia 25$000. A descrição geográfica do sítio corresponde ao espaço que, posteriormente, foi chamado de sítio Recreio, a norte do rio Seridó, enquanto o açude referido no processo, supomos, era o Mabanga. A adjetivação *em aberto e sem plantagem alguma*, possivelmente refere-se ao fato de o reservatório não ter cercas em sua volta, facilitando, portanto, o acesso de moradores e gado à água.

O espólio do inventário de Inácio Agostinho, em termos do monte maior, foi orçado em 3:593$000, valor com que se poderia comprar, na época, considerando a métrica do inventário, cerca de 44 cavalos. Isso indica que o povo dos Merêncio tinha cabedal acumulado e, conforme as análises de Maria Regina Furtado, para o período que vai de 1850 a 1890, no território da Vila do Príncipe, estava situado entre os 38,2% dos proprietários (de um total de 267) que tinham terras avaliadas entre 101$000 e 500$000 (Mattos, 1985, p. 69).

[3] Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó (FGSSAS), Livro de Casamentos (LC) nº 3 – 1821-1834, f. 158-158v. Acervo da Casa Paroquial São Joaquim (CPSJ) – Paróquia de Sant'Ana (PS), Caicó-RN.
[4] Comarca do Seridó (CS). Inventários *post-mortem* (IPM). Caixa (Cx.) 342. Inventário de Inácio Agostinho do Rosário, 1859. Acervo do Labordoc. Fundo da Comarca de Caicó (FCC). 1º Cartório Judiciário (1ºCJ).

ISSN: 2358-8829

O açude Mabanga seria o mais antigo do território que hoje corresponde ao município de Caicó, feito por particulares? É provável que sim, considerando as fontes disponíveis para a pesquisa até o momento. Poderia ser considerado o mais antigo do Rio Grande do Norte? Essa é uma questão que carece de uma maior reflexão. Oswaldo Lamartine, discutindo o assunto, informa, partindo de Hélio Galvão, que numa sesmaria doada ao padre Manoel de Jesus Borges, em 1706, na Capitania do Rio Grande do Norte, uma das justificativas do requerente dizia respeito à necessidade de povoar a terra com gados e fazer açudes onde houvesse capacidade (Lamartine, 1980 [1978], p. 26).

Na Serra do Piauí, nos domínios da família Lopes Galvão, a tradição oral recolhida na década de 1960 por Antonio Quintino Filho refere-se ao fato de dona Adriana de Holanda e Vasconcelos, no processo de exploração das terras altas, ter construído, no chamado "Sítio Velho", uma casa de farinha e, perto da chã da serra, um barreiro, provavelmente nos anos de 1760 (Quintino Filho, 2009, p. 24). Evidentemente, do ponto de vista técnico, não se trata de um açude. Porém, é uma evidência, deixada pela memória, da necessidade de armazenamento de água, fosse para consumo humano, fosse como bebedouro para os animais. Outra evidência que deve ser levada em conta é a descrição do sítio das Barrentas, de propriedade de Tomaz de Araújo Pereira (3º), presente no seu inventário *post-mortem*, de 1847: terras, com casa, açude e cercado, adquirido aos herdeiros do preto forro Feliciano da Rocha, e avaliado por 350$000 (Medeiros Filho, 1983, p. 250).

Voltando às terras do sítio Mabanga, uma pergunta que ainda precisa de melhor resposta é: quando o topônimo, provavelmente de origem africana,[5] entrou em desuso e deu lugar à palavra Recreio, tanto para a propriedade quanto para o açude? Francisco Medeiros nos dá uma pista sobre isso: a partir de suas pesquisas, afirmou que o "Sítio da Velha Merência" foi vendido, em 1891, para salvar a vida da velha viúva, Emerenciana Tereza de Jesus, e seus filhos, "últimos sobreviventes da família Merêncio em Caicó" (Medeiros, 2015, p. 115). É provável que essa venda tenha sido feita para alguém da parentela dos Aladim, talvez o primeiro ou o segundo Antonio Aladim de Araújo, cujas trajetórias foram lembradas por Olavo de Medeiros Filho (1988, p. 171-172). A base para a formulação dessa hipótese vem da leitura de Ione Morais, que, ao referir-se à criação do Conjunto Residencial Recreio – embrião do atual bairro de mesmo nome – por volta de 1989, asseverou que o nome da área advém da propriedade e açude, pertencentes à família Aladim (1999, p. 218).

[5] Mabanga, em kimbundu, é substantivo plural, designando, genericamente, moluscos comestíveis, mariscos, ostras (Assis Júnior, [1941?], p. 270).

ISSN: 2358-8829

A título de exemplo, apenas para suscitar futuras pesquisas, o exame dos registros civis de nascimento de alguns dos filhos de Antonio Aladim de Araújo (2º), casado com Laurinda Laura de Araújo Mariz, apresenta dados importantes: quando Antonio Aladim de Araújo Filho – o terceiro desse nome – nasceu, em 1890, seus pais moravam no sítio Cachoeira Grande; na época do nascimento de Raul, em 1892, Antonio Aladim e Laurinda Laura moravam "no Sitio Mabánga, suburbio desta cidade"; já nos assentos de nascimento de Saly (1893), Maria Cristalina de Araújo (1898) e Dalila (1901) o sítio Recreio foi declarado como sendo lugar de residência dos pais. Um indicativo de que estava em curso a transição dos nomes dados ao sítio encontra-se, particularmente, no registro de Maria Cristalina, onde o escrivão anotou que ela nasceu no "Sitio Mabanga digo Recreio". [6]

O segundo ponto a ser tratado neste artigo relaciona-se à família Merêncio. Como já assegurei, sua origem se dá a partir da união de Inácio Agostinho do Rosário com Emerenciana Tereza de Jesus no ano de 1832. Ele, natural do Seridó, era filho legítimo de Antonio Álvares dos Santos e Leonarda Maria do Rosário. Ela, natural da Freguesia do Brejo de Areia, por sua vez, filha legítima de Félix Bezerra e Melo e Tereza Maria de Jesus. Ambos foram qualificados com a letra "P" pelo sacerdote que realizou o assento do matrimônio, na averbação ao lado do registro paroquial. Estudos contemporâneos, que tomaram o Seridó como foco de análise, vêm demonstrando que a letra P, aposta lateralmente aos registros paroquiais, a depender do contexto e das ligações ancestrais, poderia significar tanto a qualidade de preto/preta quanto a de pardo/parda (Macedo, 2020; Medeiros, 2022; Santos, 2022; Araújo, 2023; 2026; Araújo, 2025). Pelos indícios apontados anteriormente por Eloy de Souza (1989 [1941]) e Francisco Medeiros (2015), é plausível assumir que, nesse caso, a letra se referia à qualidade de preto e preta para os nubentes.

As informações sobre a ancestralidade da Velha Merência, como ficou conhecida Emerenciana Tereza de Jesus, ainda são escassas, além do que informa o seu registro de casamento. Entretanto, os dados sobre seu esposo são mais evidentes: Inácio do Rosário nasceu em 1802 e foi batizado na Serra de Luís Gomes, da Freguesia de Pau dos Ferros. Seus pais, Antonio Álvares e Leonarda do Rosário, nessa época, eram moradores da Freguesia do Seridó.[7] Esse ritual cristão realizado numa serra situada na porção oeste da Capitania do Rio Grande do Norte, inferimos, está ligado à procedência da família materna de Inácio do Rosário. Antonio

[6] CS. Livro de Registro de Nascimento Civil (LRNC) nº A1 (1888-1891), registro (reg.) 231, f. 105v-106; LRNC nº A2 (1891-1898), reg. 18, f. 7v-8; reg. 127, f. 66v-67; LRNC sem numeração (s/n) (1898-1899), f. 8v; LRNC s/n (1901-1902), f. 26v. Acervo do Family Search (FS).
[7] FGSSAS, Livro de Batizados (LB) nº 3 – 1818-1822, f. 109v. Acervo da CPSJ – PS, Caicó-RN. Inácio foi qualificado com a letra P ao lado do assento do batismo.

ISSN: 2358-8829

Álvares e Leonarda do Rosário haviam casado um ano antes (1801), na Matriz do Seridó. O registro fornece a procedência e condição jurídica do casal: ele, natural e residente na Freguesia do Seridó, era escravo – utilizando-se a denominação da época – do capitão José Bezerra Lins; ela, natural da Freguesia do Crato dos Cariris Novos e moradora na de Portalegre, era forra e filha legítima de Antonio Nunes de Andrade e Quitéria Gomes dos Reis.[8]

A origem de Inácio do Rosário, portanto, está fortemente ligada a laços com o mundo da escravidão e da liberdade, bem como às mobilidades de seus ancestrais maternos pelos sertões das Capitanias do Norte. Seus descendentes e os da Velha Merência, portanto, constituem uma genealogia mestiça, uma parentela cujo patriarca e matriarca eram provenientes de qualidades e/ou condições diferentes, porém, com uma ancestralidade marcadamente ligada à presença afro-brasileira (Macedo, 2020).

A descendência de Inácio do Rosário e Emerenciana de Jesus, a julgar pelo cruzamento de dados provenientes de fontes judiciais e religiosas, é extensa. Na primeira geração encontrei 19 filhos do casal, aqui apresentados com as datas de nascimento, até onde foi possível reconstituir: Olímpia Maria do Espírito Santo (1833), Maria Emerenciana do Rosário (1834), Cassiana Leonarda do Rosário (1835), Ana (1836), Serina (1838), Tomázia Leocádia do Rosário (1838), Tereza (1839), Manuel (1841), Izabel (1842), Antonia (1844), Higino (1845), Sabina (1847), Rosa Maria de Santana (1847), Emerenciana Tereza de Jesus (2ª, 1852), Leonarda Maria de Sant'Ana (1854), João Inácio Ferreira (1855), Adriana Maria de Sant'Ana (1856), Fortunato Agostinho do Rosário (1858) e Fortunata (1858).

Para todos os filhos, à exceção de Tereza, Antonia, Sabina, Emerenciana Tereza, Leonarda de Sant'Ana, João Inácio, Adriana de Sant'Ana, Fortunato do Rosário e Fortunata, detectei a atribuição da qualidade P na averbação de seus assentos de batizado. No caso de Rosa de Sant'Ana, o seu assento de óbito, lavrado em 1943, indicava que ela era uma mulher de profissão doméstica e de cor preta. Moradora no sítio Boa Passagem, nas proximidades do Mabanga, morreu nonagenária, deixando cinco filhos.[9]

Fortunata, Ana e Serina provavelmente faleceram ainda crianças, já que se dispõe apenas, dos seus assentos de batizados.[10] Em se tratando de Tereza, Izabel, Manuel, Higino, Antonia e Sabina, embora estivessem vivos no inventário de Inácio do Rosário (1859), seus rastros se perderam ao longo do tempo na documentação. Teriam falecido ainda solteiros? Ou

[8] FGSSAS, LC nº 1 – 1788-1809, f. 78v. Acervo da CPSJ – PS, Caicó-RN.
[9] Comarca de Caicó (CC). Livro de Registro de Óbito Civil (LROC) nº C-10 (1941-1943), reg. 3.384, f. 180v-181. Acervo do FS.
[10] FGSSAS, LB nº 10 – 1856-1862, f. 55v.; LB nº 05 – 54v; LB nº 05, f. 96v. Acervo da CPSJ – PS, Caicó-RN.

ISSN: 2358-8829

casado e migrado para outras áreas da Província do Rio Grande do Norte? Essas são indagações ainda em aberto.

Os demais herdeiros de Inácio do Rosário e Emerenciana Tereza contraíram matrimônio: Olímpia do Espírito Santo, com Antonino (ou Antonio) Ribeiro da Silva; Maria Emerenciana, com Manuel Jerônimo dos Santos, filho legítimo de Joaquim Álvares dos Santos e Ana Maria de Jesus; Cassiana do Rosário, com Antonio Gonçalves Melo Júnior, filho legítimo de Antonio Gonçalves Melo e Maria Bernarda da Conceição; Tomázia do Rosário, com Manuel Joaquim dos Santos; Rosa de Sant'Ana, com Francisco Gomes das Chagas; Emerenciana de Jesus, com Francisco Barbosa de Maria, filho legítimo de José Barbosa de Maria e Maria Jerônima da Conceição; Leonarda de Sant'Ana, com José Alves Veloso, filho legítimo de Cipriano José Veloso e Rita Maria da Conceição; João Inácio Ferreira, também chamado de João Merêncio da Silva, que casou duas vezes: a primeira, com Maria Tereza (ou Maria Francelina) da Purificação, filha legítima de Joaquim Gonçalves Melo e Júlia Maria de Sant'Ana, e a segunda, com a sobrinha Antonia Maria, filha legítima de Manuel Jerônimo dos Santos e Maria Emerenciana; Adriana de Sant'Ana, com Joaquim Alves da Costa, filho legítimo de Manuel Aleixo da Costa e Maria Félix da Conceição; e Fortunato do Rosário, com sua sobrinha Libânia Maria de Sant'Ana, filha legítima de Antonio Ribeiro e Olímpia do Espírito Santo.

Parte dessa família migrou para fora de Caicó, como é o caso de Fortunato do Rosário e Libânia de Sant'Ana. Esta faleceu em 1936, já viúva, no lugar Bonita, do Distrito de Araçagi, Comarca de Guarabira, na Paraíba.[11] Já o casal Aprígio Alves da Silva e Joana Francelina da Purificação – esta, filha de João Inácio e Maria Francelina – passou pelo Distrito de Tarumã, município de Assis-SP em 1935 e em 1949 residiam em Sertanópolis, interior do Paraná. [12]

Outra parte da parentela dos Merêncio, na segunda geração, continuou a residir no município de Caicó. Em 1901 o casal Epifânio Francisco Gomes e Maximiana Maria do Rosário, primos legítimos, netos de Inácio do Rosário e de Emerenciana de Jesus, moravam no então sítio Mabanga. Na época de seus falecimentos, residiam em áreas mais afastadas: Maximiana morreu em 1960, época em que era moradora na rua Joaquim Félix, nº 197, enquanto Epifânio deixou o mundo dos vivos em 1968, sendo morador na rua Joel Dantas, nº

[11] Comarca de Guarabira (CG). Distrito de Araçagi (DA). LROC nº C7 – 1934-1936, reg. 1.964, f. 199-199v. Acervo do FS.
[12] Comarca de Assis (CA). Distrito de Tarumã (DT). Reg. de Óbito 706, Talão 5, p. 112 (Óbito de Apolônio Alves, 1935, registrado no Livro 2C, f. f. 86v-87); Comarca de Sertanópolis (CS). Livro de Registro de Casamento Civil (LRCC) s/n – 1948-1949, reg. 1.881, f. 278v-279v (Casamento de João Rodrigues Ribeiro e Marina Alves da Silva).

ISSN: 2358-8829

955. Em seus registros de óbito, foram qualificados pelo escrivão do cartório como sendo pessoas de cor morena. Um pouco antes disso, em 1945, havia falecido Antonio Francisco de Sales, pardo, que era casado com Maria Rosa de Sant'Ana – irmã de Epifânio Gomes –, moradores do sítio Recreio.[13] Essas, e outras histórias, ainda precisam ser estudadas com mais afinco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do açude Mabanga, hoje, Recreio, confunde-se com o próprio evolver do aglomerado urbano da Vila Nova do Príncipe, posteriormente, a partir de 1868, Cidade do Príncipe, e, hoje, cidade de Caicó, sede do município do mesmo nome. Considero importante se dar mais atenção às camadas de história que agregam-se a esse importante reservatório, hoje, tombado como bem patrimonial da cidade de Caicó, já que a sua construção e manutenção está ligada a uma famílias de pessoas não-brancas, os Merêncio, que não foi tão mencionada nos livros que tratam da história da cidade, como já discutido anteriormente. Ao que parece, a primeira geração de Inácio do Rosário e Emerenciana de Jesus não se constituiu enquanto os "últimos sobreviventes" dos Merêncio em Caicó, como imaginou Francisco de Assis Medeiros (2015, p. 115). Essa família, com raízes afro-brasileiras, esteve ligada de forma direta à gênese do antigo açude da Velha Merência – hoje, Recreio – sendo, portanto, seus membros agentes ativos no processo de territorialização dos espaços contíguos ao rio Seridó, que seriam, a partir do século XX, incorporados à paisagem urbana da cidade de Caicó. Parte importante, pois, de uma história dos sertões que precisa ser lembrada.

AGRADECIMENTOS (Opcional)

Agradeço à UFRN, pela concessão de cotas de bolsa de iniciação científica, e ao CNPq, pelo apoio financeiro para a realização do projeto que resultou na investigação aqui tratada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juciene Batista Félix. Orris Barbosa e Francisco de Medeiros Valle: memórias da construção do Açude Itans (Caicó – RN/1932). **Mneme – Revista de Humanidades**, Caicó, v. 7, n. 17, ago./set. 2005.

[13] CC. LRNC s/n (1901-1902), reg. 34, f. 17v. (Nascimento de Emídia); LROC nº C09 (1958-1961), reg. 6.160, f. 305; LROC nº C13 (1966-1968), reg. 11.411, f. 583 (Óbitos de Epifânio Gomes e Maximiana do Rosário); LROC nº C11, reg. 4.381, f. 133 (Óbito de Antonio de Sales). Acervo do FS.

ARAÚJO, Jossylúcio Jardell de. **Terra e trabalho**: permanência de uma política pública na Fazenda Mundo Novo, em Caicó-RN. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

ARAÚJO, Maiara Silva. **Espaços concebidos, sentidos de lugar:** considerações sobre o ser branco na Ribeira do Seridó, sertões do Rio Grande do Norte (Séculos XVIII-XIX). 2026. 491f. Tese (Doutorado em História e Espaços) – CCHLA, UFRN, Natal, 2026.

ARAÚJO, Maiara Silva. **Tropas Pagas e Ordenanças**: perfil social dos militares da Capitania do Rio Grande (séculos XVII-XIX) Mossoró, RN: Edições UERN/ FAPERN, 2023.

ARAÚJO, Orquídea Costa de. **Análise de uso e ocupação do solo nas margens dos açudes Recreio e Penedo em Caicó/RN**. 2013. 52 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2013.

ASSIS JÚNIOR, Antônio de. **Diccionário kimbundu-portuguez**: linguística anthropologica. Luanda: Argente, Santos & Cia, [1941?].

CAICÓ. **Lei nº 3.923, de 27 de dezembro de 2001**. Dispõe sobre o tombamento de bens de valor histórico, artístico, cultural, documental e ambiental para o município de Caicó e dá outras providências. Caicó: Gabinete do Prefeito, 2001. Disponível em: https://caico.rn.gov.br/arquivos/1806/Leis%20Municipais_3.923_2001_0000001.pdf. Acesso em: 19 abr. 2026.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **A caça nos sertões do Seridó.** Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1961.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-80.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: Difel, 1989. p. 169-91.

GORGÔNIO, Giovanna Araújo. **Entre "P." e "B.", arbitra a pena?** Léxico das "qualidades" e capital relacional na Freguesia do Seridó (Rio Grande do Norte, 1788-1835). 2025. 102 f. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Curso de História, Caicó, RN, 2025.

GUERRA, Otto de Brito. **Vida e morte do nordestino:** análise retrospectiva. Natal: PROED/EDUFRN, 1989.

IGREJA de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. **Family Search (FS).** Disponível em: https://www.familysearch.org/pt/home/portal/. Acesso em: 19 abr 2026.

LAMARTINE, Oswaldo. Açudes dos Sertões do Seridó [1978]. In: **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980. p. 17-48.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó:** genealogias mestiças no sertão do RN. Curitiba: CRV, 2020.

MARIZ, Monielle Medeiros. **Do sonho à realidade**: a construção do Açude Sabugi (1958 – 1966). 2021. 166 f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

MATTOS, Maria Regina Mendonça Furtado. **Vila do Príncipe – 1850/1890**. Sertão do Seridó – Um estudo de caso da pobreza. 1985. 247f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos inventários do Seridó.** Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

MEDEIROS, Francisco de Assis. Açude Recreio. In: **Narrativas seridoenses.** v. 1. Natal: edição do autor, 2015. p. 111-115.

MEDEIROS, Francisco. Sangrando o maior açude do Estado. **Diário de Natal**, Natal, n. 9.104, p. 7, 9 abr. 1971. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&Pesq=%22a%c3%a7ude%20recreio%22&id=5418004521601&pagfis=3045. Acesso em: 19 abr. 2026.

MEDEIROS, Maria Alda Jana Dantas de. **Vastas e ermas**: mulheres não brancas no sertão do Rio Grande (Seridó, séculos XVIII e XIX). 2022. 279f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) – CERES, UFRN, Caicó, 2022.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Natal: edição da autora, 1999.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; SALVADOR, Diego Salomão Candido de Oliveira; SANTOS, Daniele Patrícia dos. O desafio da gestão ambiental urbana: análise sobre o Açude Recreio, Caicó-RN. **Sociedade e território,** Natal, v. 25, n. 1, p. 119-136, 2013.

QUINTINO FILHO, Antônio. **História de Currais Novos.** 2.ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

SANTOS, Matheus Barbosa. **Neste mesmo chão, outros passos**: indivíduos não-brancos nos Sertões do Rio Grande (Ribeira do Acauã, Totoró, Séculos XVIII-XIX). 2022. 194f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - CERES, Caicó, 2022.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte:** século XVI ao XX. Natal: Clima, 1994.

SILVA, Adriano Wagner da. **Engenharia nos sertões nordestinos**: o Gargalheiras, a Barragem Marechal Dutra e a comunidade de Acari, 1909-1958. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, Jardel Bezerra Araújo da. **O projeto de construção da Barragem Boqueirão de Parelhas - RN (1984-1988).** 2025. 136f. Dissertação (Mestrado em História/Ceres) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

SOUZA, Eloy de. Milagres da açudagem [1941]. In: GUERRA, Otto (Org.). **Vigésimo livro das secas**. Mossoró: ESAM/FGD, 1989. p. 52-54. (Col. Mossoroense, Série C, v. 472).